

AS INFLUÊNCIAS DAS REFERÊNCIAS LINGÜÍSTICAS TRANSVERSAIS NA AQUISIÇÃO DE LÍNGUA INGLESA DE ALUNOS GUINEENSES DA UNILAB

THE INFLUENCES OF CROSS-LINGUISTIC REFERENCES ON THE ACQUISITION OF ENGLISH LANGUAGE BY GUINEAN STUDENTS AT UNILAB

Mamadu Alfa Djaló¹

Tiago Martins da Cunha²

RESUMO

O presente trabalho investiga as influências das referências linguísticas transversais na aquisição de língua inglesa de alunos guineenses da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). As referências linguísticas transversais dizem respeito as relações entre os diferentes sistemas linguísticos cognitivos e culturais e que refletem como um indivíduo compreende e produz uma nova língua. Esse fenômeno ocorre quando os elementos estruturais da língua materna (L1) interferem na aquisição e uso da segunda língua (L2), que resulta na influência e desvios linguísticos, afetando assim os aspectos sintáticos, fonéticos e semânticos. A pesquisa visa identificar as ocorrências de marcadores sintáticos, fonéticos e semânticos de língua guineense (kriol) na aquisição de língua inglesa em estudantes da Unilab. A pesquisa adota uma abordagem descritiva de natureza qualitativa, analisando a coleta de dados dos 20 estudantes que realizaram a produção de amostras tanto escritas como em gravações de áudio que viessem a apresentar influências transversais de suas línguas maternas. Para analisar os dados utilizamos como apoio os estudos da teoria de Krashen (1981), Ortega (2011), Shopen (1985), entre outros. Os resultados mostram que existe a interferência da L1 na aquisição da L2 em alunos guineenses do curso de Língua Inglesa da Unilab. Constatamos, também, que as interferências se apresentam nas construções sintáticas e fonológicas e não identificamos essas influências em aspectos semânticos. Consideramos que os resultados dessa pesquisa possam auxiliar na construção de material didático mais relevante para os alunos internacionais da Unilab, em especial os guineenses.

Palavras-chave: Referências linguísticas transversais. Língua inglesa. Aquisição de segunda língua. Língua guineense (kriol). Interferência linguística.

ABSTRACT

This paper aims to investigate the influences of cross-linguistic references on the acquisition of English language by Guinean students at University for International Integration of the Afro-Brazilian Lusophony (UNILAB). Cross-linguistic references pertain to the relationships

¹ Discente do curso de Letras Língua Inglesa pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). E-mail: mamadualfadjalo37@gmail.com

² Orientador, Docente do Curso de licenciatura em Letras Língua Inglesa Presencial da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). E-mail: tiagotmc@unilab.edu.br

between different cognitive and cultural linguistic systems and reflect how an individual understands and produces a new language. This phenomenon occurs when the structural elements of the mother tongue (L1) interfere with the acquisition and use of a second language (L2), resulting in linguistic influence and deviations, thus affecting syntactic, phonetic, and semantic aspects. The research seeks to identify occurrences of syntactic, phonetic, and semantic markers of the Guinean language (Kriol) in the acquisition of English among Unilab students. The research adopts a descriptive qualitative approach, analyzing data collected from 20 students who produced both written samples and audio recordings that might show cross-linguistic influences from their native languages. To analyze the data, we relied on studies from the theories of Krashen (1981), Ortega (2011), Shopen (1985), among others. The results show that there is interference from L1 in the acquisition of L2 among Guinean students in the English Language course at Unilab. We also found that the interferences appear in syntactic and phonological constructions, and we did not identify these influences in semantic aspects. We believe that the results of this research can help in the development of more relevant teaching materials for international students at Unilab, especially Guinean students.

Keywords: Cross-Linguistic references. English language. Second language acquisition. Guinean language (Kriol). Linguistic interference.

INTRODUÇÃO

As referências linguísticas transversais se manifestam quando as características da língua materna interferem na aquisição e uso da segunda língua, evidenciando a transferência de padrões linguísticos, cognitivos e culturais de um sistema para outro (Odlin, 2003). Desta forma, as referências linguísticas transversais constituem um campo de estudo importante da linguística aplicada, pois ajudam na compreensão de que forma a língua materna dos aprendizes impacta o desenvolvimento da fluência e da competência comunicativa em contextos multilíngues. Krashen (1981), afirma que tanto sintaticistas quanto linguistas aplicados, professores de línguas e até os melhores estudantes, lidam apenas com partes fragmentadas do vasto conhecimento linguístico, sem domínio pleno de todas as regras ou teorias.

Nesta pesquisa, visamos identificar as influências das referências linguísticas transversais pelos estudantes guineenses na Unilab, identificar as ocorrências de marcadores sintáticos, fonéticos e semânticos de língua guineense (kriol) na aquisição de língua inglesa. Foram investigados os aspectos sintáticos em relação às ordens das palavras, estrutura da frase, o uso dos verbos ser ou estar (to be), complementos ocultos, (que na língua inglesa não são ocultos, enquanto na língua guineense (kriol) são ocultos), e a priorização dos sintagmas preposicionados para o caso genitivo. Nos aspectos fonológicos foram investigados principalmente o fricativo surdo como produção de fala entre dentais para soltar o ar, assim como fricativo sonoro, por serem marcadores fonéticos salientes da Língua Inglesa. Quanto aos aspectos semânticos, investigamos os cognatos entre a língua inglesa e a língua guineense (kriol). De modo a restringir nosso campo de pesquisa eficazmente.

Esta pesquisa descritiva é de natureza qualitativa que busca investigar de que forma a língua guineense (kriol) influencia na aquisição da língua inglesa pelos estudantes guineense da Unilab para identificar por meio de produção de amostras como escritas e gravações de áudio, as marcas sintáticas, fonéticas e semânticas da língua guineense (kriol) presentes ao falar inglês. Os dados do formulário de censo demonstram que a maioria dos sujeitos que participaram da pesquisa têm mais domínio na língua guineense (kriol).

Foi feito um censo das línguas de domínio com 20 estudantes. Desses estudantes, os que apresentavam a língua guineense como língua materna, foi investigado a influência dos aspectos sintáticos, fonológicos e semânticos, e percebemos as interferências principalmente nos aspectos sintáticos e fonológicos da língua materna sobre a língua inglesa. Não detectamos interferências linguística transversais no nível semântico em nossa investigação. A revisão teórica se apoia em autores como Krashen (1981), Ortega (2011), Shopen (1985), cujas suas contribuições destacam sobre a influência da língua materna (L1) no processo de aquisição da segunda língua (L2). Abaixo, veremos a revisão teórica, a metodologia da pesquisa, os resultados de forma detalhada e discussão com seus critérios de análise.

REVISÃO TEÓRICA

As referências linguísticas transversais referem-se aos componentes linguísticos, cognitivos e culturais que acontecem nas línguas e que de certa forma influenciam o indivíduo na maneira como aprende, compreende e usa a segunda língua (L2) com base na língua materna (L1). Elas abrangem as transferências estruturais da língua materna no aprendizado da segunda língua (L2), afetando assim os aspectos sintáticos, fonéticos e semânticos. De acordo com Jarvis e Pavlenko (2008), a influência translinguística é entendida como um fenômeno ligado às questões da interação dos aspectos linguísticos, cognitivos, culturais e contextuais, que afetam diretamente na compreensão e produção da segunda língua (L2). Essas referências podem facilitar ou dificultar na aquisição da segunda língua, dependendo da semelhança ou a diferença do sistema linguístico envolvido. Nesse sentido, segundo White (1990, p.22) “na aquisição da L2, os aprendizes se deparam com uma tarefa semelhante à dos adquirentes da L1, ou seja, a necessidade de chegar a um sistema que tenha em conta o input da L2.”

Aquisição de Segunda Língua diz respeito a um processo pelo qual um indivíduo apreende após a língua materna (L1), essa segunda língua pode ser adquirida na fase da infância, adolescência e vida adulta, podendo ocorrer em ambientes formais (nas escolas e nos cursos) ou informais (nas situações imersão nessa outra cultura). Dessa forma, segundo Ortega (2011, p.5) “os termos língua adicional, segunda língua e L2 são usados nas Teorias de Aquisição de Segunda Língua (ASL) para se referir a qualquer língua aprendida após a L1. (ou L1s).”

Podemos exemplificar com o cenário da Guiné-Bissau, um país multilíngue e multicultural, na qual a maioria da população cresce aprendendo as línguas étnicas ou a língua guineense (kriol) que são as línguas mais faladas cotidianamente pelos guineenses. Já o português mesmo sendo a língua oficial, é geralmente apreendida mais tardiamente, sobretudo nos ambientes escolares. Além disso, muitos guineenses estudam nos centros de formações ou nas instituições internacionais como a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) aprendendo outros idiomas como o inglês, que passa a ser apreendido como uma língua adicional.

A disciplina de Teorias de Aquisição de Segunda Língua (ASL) possui um histórico que remonta às pesquisas em linguística e psicologia educacional, especialmente a partir do século XX. Inicialmente, os estudos se dedicaram a entender como indivíduos aprendem uma segunda língua de forma natural ou formal. Na década de 1950 e 1960, surgiram as primeiras teorias influenciadas pelos trabalhos da Teoria da Gramática Gerativa, que destacou a existência de uma competência linguística inata. Nesse período, também se desenvolveram estudos sobre a aquisição de uma segunda língua em contextos de imigração e escolarização, com ênfase na transferência de estratégias da língua materna.

Nos anos 1970 e 1980, novas abordagens ganharam destaque, como o Interacionismo, que enfatiza a importância da interação social no aprendizado, e a Teoria do Input Compreensível, de Stephen Krashen, que destaca a necessidade de exposição a entradas linguísticas compreensíveis para facilitar a aquisição. A influência da L1 se limita aos estágios iniciais da aquisição e resulta de o falante se apoiar no conhecimento de língua materna quando lhe falta o conhecimento pertinente à L2 que está adquirindo, sendo, portanto, uma estratégia de comunicação (Krashen, 1981). Quer dizer que, nos primeiros momentos do aprendizado à L2 ocorre a influência da língua materna (L1), tendo em conta a falta de conhecimento eficaz para desenvolver a fluência nessa nova língua. Fundamentando-se nas discussões do modelo monitor (Krashen, 1982), e em seguida, as críticas do Vihman e McLaughlin (1982), a confirmação de que a influência da L1 se limita aos estágios iniciais da aquisição, devido à falta de conhecimento pertinente à L2, demonstra-se simplesmente uma teoria inadequada.

Em contraste com essa visão do Krashen que a influência da língua materna se limita aos estágios iniciais da aquisição. A literatura técnica apresentada na análise da Hipótese de Ordem Natural, revela a continuidade da influência da L1 no processo de aquisição, afetando a persistência e a internalização de estruturas específicas mesmo em níveis avançados (Hakuta; Cancino, 1977). Ademais, a dificuldade da aquisição sintática e semântica na crítica à Hipótese

Insumo, sugere que padrões da L1 podem influenciar o processamento, bem como a produção da L2 para além de simples falta de conhecimento lexical e gramatical inicial (Callegari, 2006).

Desde então, o campo evoluiu para incorporar aspectos cognitivos, sociais e culturais, reconhecendo a complexidade do processo de aquisição de uma segunda língua, incluindo fatores como motivação, fatores contextuais, e diferenças individuais. Hoje, a disciplina combina múltiplas perspectivas teóricas e pesquisas empíricas para compreender melhor como aprendizes adquirem uma segunda língua, seja em ambientes formais, informais ou imersivos.

Em relação às referências linguísticas transversais na Teoria de Análise de Erros, Corder (1982) demonstra um panorama sobre o assunto. Segundo Corder (1982), a análise de interferência geralmente começa com a identificação da estrutura inadequada na segunda língua e volta a língua materna para buscar suas possíveis influências.

A Análise de Erros possibilita a compreensão dos equívocos mais recorrentes cometidos pelos aprendizes. Para Corder (1982), os erros não devem ser considerados como sendo falhas, mas sim observados como estágios do processo de aprendizagem da segunda língua(L2), refletindo assim nas possibilidades que o aprendiz pode formular com base nos seus conhecimentos prévios. Percebe-se que isso permite os professores compreenderem quais os aspectos linguísticos que precisam ser mais trabalhados como (gramática, sintática, fonética, semântica). E com base nessas análises, podem ser produzidos os materiais didáticos que atendem as necessidades dos alunos, por exemplo, se os alunos desviam mais frequente em relação à fonética, o material didático pode ser adaptado contendo mais exercícios e explicações sobre a prática da pronúncia.

Políticas linguísticas no ensino em guiné bissau

A política linguística em Guiné-Bissau é marcada por choque entre a língua oficial (herdada no período colonial), as línguas étnicas e a língua guineense (kriol), visto que a língua portuguesa é usada no sistema educativo guineense. No entanto, a língua guineense (kriol) é a língua da identidade nacional e mais falada pela maioria da população, e é usada como a língua franca entre os diferentes grupos étnicos do país. Segundo Embaló (2009, p. 101) “a língua franca é o crioulo guineense. É através dele que os diferentes grupos étnicos que compõem a população guineense se comunicam, o que lhe conferiu o estatuto de língua da unidade nacional, ou simplesmente de língua nacional.” Além disso, falta uma política linguística eficaz para a valorização de línguas nacionais, como a língua guineense (kriol) e as línguas locais no contexto educacional.

A Guiné-Bissau é um país com vasta diversidade linguística e cultural muito rica, contendo várias etnias e cada uma com sua língua, cultura e costumes. (Cá; Rubio, 2019, p.392), referenciando o censo de 2009, fazem uma apresentação das línguas étnicas guineenses.

Segundo o censo 2009, último realizado no país, existem atualmente entre 27 e 40 grupos étnicos, e as etnias com maior expressão na Guiné-Bissau são: a Fula (28,5%), que vive essencialmente no leste do país, em Gabu e Bafatá, seguida da etnia Balanta (22,5% da população), que se encontra principalmente nas regiões sul (Catió) e norte (Oio); a Mandinga, com 14,7%, no norte do país; a Papel, com 9,1%, e a Manjaca com 8,3%. Com expressão mais reduzida, encontramos ainda as etnias Beafada (3,5%), Mancanha (3,1%), Bijagó (que vive no Arquipélago dos Bijagós e representa 2,15% da população total), Felupe, com 1,7%, Mansoanca (1,4%) e Balanta Mane com 1%. As etnias Nalu, Saracole e Sosso representam menos de 1% da população guineense e 2,2% assumem não pertencer a qualquer etnia (Cá; Rubio, 2019, p. 392).

Dessa forma, consoante (Cá; Rubio, 2019) As línguas nativas junto com a língua guineense (kriol) permanecem vivas e são mais utilizadas no cotidiano pela população da Guiné-Bissau. Após a independência, os líderes dos movimentos de libertação nacional dos países africanos consideraram o português como uma língua institucional e educacional, mesmo depois da retirada da administração colonial do território. Por outro lado, em Guiné-Bissau, a língua portuguesa é utilizada principalmente em atos de relevância institucional e na produção de documentos oficiais, sua difusão restringe-se a uma parcela reduzida da população, o corresponde, mesmo nas estimativas mais otimistas a cerca de 13% dos guineenses (Couto; Embaló, 2010).

Diante dessa situação, dentre outras medidas urgentes e necessárias, torna-se essencial a reformulação dos materiais didáticos para integrar a língua guineense no sentido de valorizá-la, bem como, facilitar a compreensão dos conteúdos pelos alunos. Além disso, essa reformulação auxiliaria os professores no processo de ensino, uma vez que, atualmente, os materiais didáticos utilizados são elaborados para falantes do português europeu, isso acaba gerando dificuldades tanto para os alunos quanto para os professores, que vai tornar o ensino menos acessível e eficiente.

METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta pesquisa descritiva é de natureza qualitativa que busca investigar de que forma a língua guineense (kriol) influencia na aquisição da língua inglesa pelos estudantes guineense da Unilab com objetivo de identificar por meio de produção de amostras como escritas e gravações de áudio, as marcas sintáticas, fonéticas e semânticas da língua guineense (kriol) presentes ao falar inglês. A nossa pesquisa visa construir um breve e (por ora) limitado catálogo as influências transversais linguísticas e o os impactos dessas transferências na fluência dos estudantes guineenses na Unilab. Essa interferência de análise de erros, percebe-se nos falantes

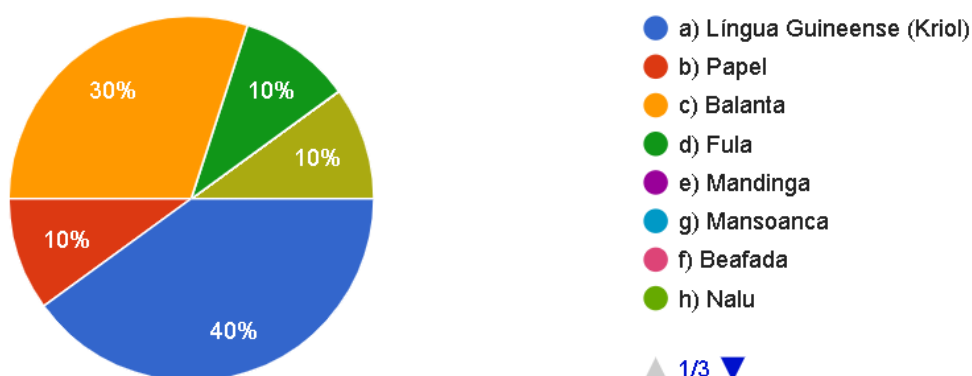
guineenses, especialmente na pronúncia dos fonemas fricativos sonoros e surdos, i.e., *th* e *r*, e a priorização dos sintagmas preposicionados a casos genitivos em língua inglesa. Esses desvios tendem a influência da língua materna (L1).

Sujeitos da pesquisa

Os sujeitos da Pesquisa são estudantes guineenses do curso de Letras Língua Inglesa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), aqueles que estão no nível inicial, básico, intermediário e avançado na aprendizagem da língua inglesa.

Formulário de seleção dos sujeitos foi elaborado em conjunto com o orientador, no qual os participantes da pesquisa responderam sobre qual as suas línguas maternas, quais outras línguas étnicas eles têm domínio, nível de domínio em inglês e se percebem a interferência da língua de domínio ao falar inglês. Também foi perguntado qual a frequência do uso da língua guineense (kriol) e as demais línguas de domínio. Vinte sujeitos participaram do primeiro formulário do censo sobre as línguas de domínio. O resultado sobre qual língua os sujeitos consideram sua língua materna pode ser visto no gráfico abaixo.

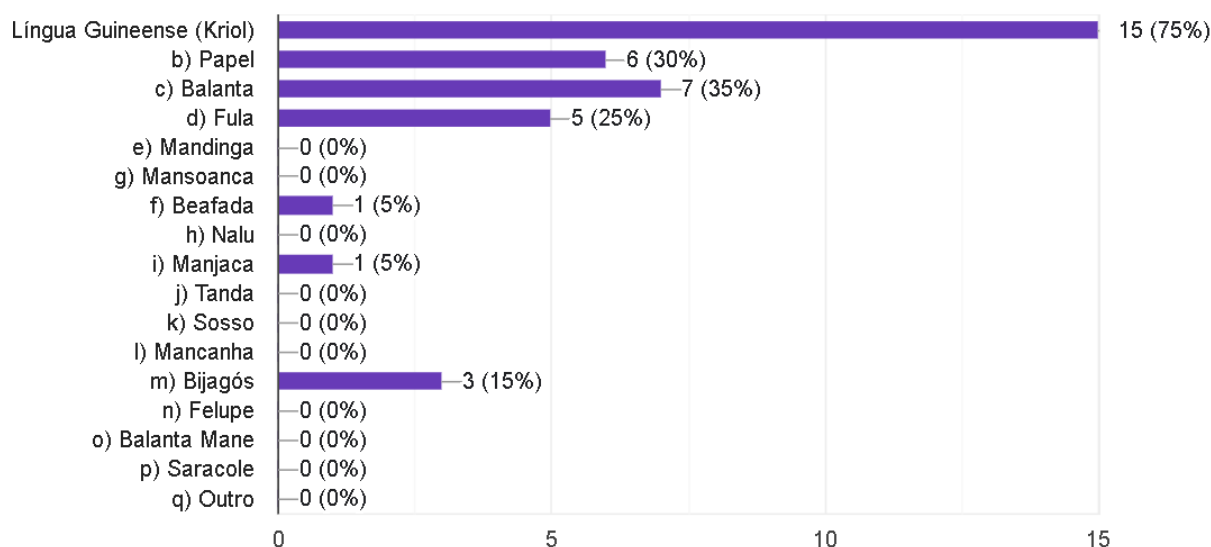
Gráfico 1- *Línguas Maternas consideradas na Unilab*



Fonte 1- Dados obtidos por meio de questionário aplicado pelo autor via Google forms (2025).

Como podemos ver no gráfico acima, 40% consideram a língua guineense (kriol) como sua língua materna, 30% a balanta, 10% a fula, 10% os bijagós e 10% o papel. O resultado sobre quais outras línguas étnicas os sujeitos têm domínio pode ser visto no gráfico abaixo.

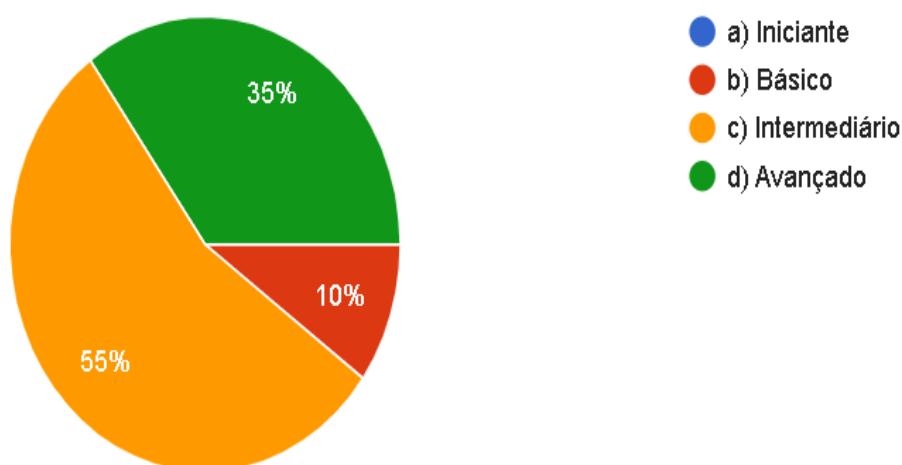
Gráfico 2 - Línguas de Domínio consideradas na pesquisa



Fonte 2 - Dados obtidos por meio de questionário aplicado pelo autor via Google forms (2025).

No gráfico 02, a resposta dos participantes do censo inicial foi: 75% têm a língua guineense (kriol) como outra língua étnica de domínio, 30% o papel, 35% a balanta, 25% a fula, 5% a beafada e 15% os bijagós. Quanto ao resultado sobre qual o nível de domínio os sujeitos têm do inglês pode ser também visto no gráfico abaixo.

Gráfico 3 - Nível de conhecimento de inglês dos sujeitos da pesquisa



Fonte 3 - Dados obtidos por meio de questionário aplicado pelo autor via Google forms (2025).

No gráfico 03, que apresenta a resposta sobre o nível de domínio da Língua Inglesa por parte dos participantes mostra que 55% têm o nível intermediário do inglês, 35% o nível avançado e 10% o nível básico.

Método de coleta

A coleta de dados foi realizada com 18 dos 20 sujeitos previamente consultados no formulário de censo línguas de domínio. Esses dezoito sujeitos participaram de teste geral que também foi elaborado juntamente com o orientador, no qual foram formuladas 3 questões. A primeira questão continha 4 sentenças que exigiam tradução do português para o inglês. O conteúdo das sentenças apresentava estruturas com os verbos *ser* ou *estar* (*to be*) que têm um comportamento diferente entre a Língua Inglesa e as demais pesquisadas. Isso solicitava que o sujeito usasse palavras que não fossem influenciadas com a construção da língua materna (L1). Outra sentença apresentava um complemento implícito que em língua inglesa requer complemento explícito. A última sentença a ser traduzida continha expressões nominais com vários possessivos para suscitar a organização nominal através do caso genitivos ou do uso de sintagmas preposicionados, no exemplo 4. As questões foram apresentadas para os sujeitos em português e em inglês.

1. Eu tenho 20 anos. Eu não tenho carro, mas adoraria ter.
2. Eu ando bastante, mas eu não gosto.
3. E sou saudável, mas estou gripado.
4. O Caderno da filha da professora de inglês está sobre a mesa da sala dos professores.

A segunda questão consistia de palavras agrupadas em colunas para serem pronunciadas. Foram agrupadas palavras que explorassem a pronúncia dos fonemas fricativos sonoros e surdos. A amostra pode ser vista na Tabela 01.

Tabela 1- Tabela de palavras para serem pronunciadas

1	2	3	4
Think	Three	Them	Will
Thought	Tree	That	Fill
Tank	Free	Dad	Feel
Tack	Frog	Doing	Now
Thank	Throw	These	Kill
Feel	Thrust	The	Cow

Fonte 4 - - Elaborado pelo autor (2025).

Na coluna 1, as palavras: *think*, *thought* e *thank* o “th” é surdo, que obriga colocar a língua entre os dentes para soltar o ar, enquanto *tank* e *tack* utilizam /t/ aspirado que difere do

português, o *feel* demonstra a vogal longa /i:/. Em relação à coluna 2, *three* destaca-se por /θr/, já *tree* utiliza a combinação /tʃr/ e *free* apresenta a junção /fr/ que exige firmeza, *frog* traz um início em /fr/ seguindo a vogal curta /ɔ/, *throw* e *thrust* repetem o “th” surdo com diferenças nas vogais. No que tange à coluna 3, as palavras *them* e *that* possuem o “th” sonoro /ð/, *dad* possui a vogal /æ/, já *doing* mostra a sequência de ditongos com /u:/ e a nasal final, enquanto *these* e *the* têm o “th” sonoro /ð/. No que se refere a coluna 4, *will* e *fill* apresentam a vogal curta /ɪ/, *feel* com a vogal longa /i:/, *now* tem o ditongo /aʊ/, já *kill* mostra o /k/ aspirado, e *cow* possui também esse ditongo /aʊ/. Relativamente a coluna 5, *car* é marcado pelo /r/ aberto típico do inglês, *sister* tem a redução no final com /ə/, *butter* costuma ter o flap /r/ igual ao “r” em “caro” do português, *brother* também possui o “th” sonoro, *doctor* geralmente reduz a sílaba final, soando como /ər/ e *door* mostra o som longo /ɔ:r/.

A terceira questão exigia associar as palavras que têm o mesmo sentido. Foram adicionadas palavras cognatas na lista para checar se havia alguma influência semântica no entendimento dessas palavras, visto que “kiss” pode ter dois sentidos para nossos entrevistados, que em inglês tem sentido de “beijar”, mas tem o cognato que seria “virar-se” na língua balanta. Do mesmo modo, “what” tem dois significados, que em inglês significa “o que”, mas tem o cognato que seria “reduzir” na língua balanta. E “car” também pode ter dois sentidos, que significa em inglês “carro”, porém tem cognato que seria “benção” na língua balanta.

Tabela 2 - Questão que investigava a influência em cognatos

Kiss What Car	Benção
	Carro
	Que
	Beijar
	Reduzir
	Virar-se

Fonte 5 - Elaborado pelo autor (2025).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nós realizamos as análises de todos 18 sujeitos que participaram da pesquisa questão por questão. Na questão 01, muitos sujeitos não seguiram todas as estruturas da língua inglesa, portanto, podem ter sido influenciados pela língua materna. Na sentença 01, apenas 16% dos sujeitos respeitaram as estruturas do inglês. Apenas 01 sujeito cometeu um equívoco em relação à tradução do verbo *to be*, pois utilizou na tradução o verbo *to have*. 15 dos 18 participantes omitiram equivocadamente o complemento do verbo.

Em relação à sentença 02, observamos que novamente 03 sujeitos seguiram corretamente a estrutura da língua inglesa. 05 pessoas no lugar de *a lot*, usaram vocabulários flexíveis, porém adequados e, mais uma vez, a maioria dos sujeitos omitiram o complemento do verbo. Na sentença 03, verificamos que somente um sujeito fez uma tradução adequada da sentença na estrutura do inglês, mas 06 pessoas, no lugar de *I am healthy*, fizeram alterações dentro da polissemia da palavra, mas conservando o sentido inicial e 11 sujeitos, no lugar de *I have the flu*, colocaram os vocabulários relacionados a doenças, mas não à gripe, como era esperado. Como nosso foco era na estruturação sintática feita pelos sujeitos não consideramos como equivocadas as amostras com vocabulário diferente do esperado, apesar do desvio dentro do sentido da palavra. No que concerne à sentença 04, reparamos que a maioria dos sujeitos têm uma grande dificuldade em estruturar as expressões nominais com o caso genitivo. Apenas 01 sujeito conseguiu um bom desempenho na estrutura do inglês. 04 pessoas priorizaram o sintagma preposicionado no lugar de utilizarem apenas a estrutura do caso genitivo. 13 pessoas não construíram a expressão nominal de forma adequada ou com uma má formação da frase ou com a omissão de palavras.

Assim, a questão 01 demonstra uma visão detalhada de desempenho dos sujeitos na produção de sentenças em inglês, evidenciando tanto nos acertos quanto nos equívocos influenciados pela língua materna (L1). Observamos que muitos não têm dificuldade com verbo *to be*, apesar da sua flexibilidade semântica entre as línguas. Porém a maioria dos sujeitos não seguiram completamente as estruturas sintáticas da língua inglesa, pois omitiram o complemento do verbo que deve ser explicitado na sentença. Houve em vários casos, a troca lexical em relação à tradução esperada, mas atribuímos isso a um problema na habilidade tradutória dos sujeitos. No entanto, a construção de frases inadequadas, especialmente, em relação ao caso genitivo, entendemos que houve uma interferência da Língua Materna na construção dessa expressão nominal. Percebemos que os equívocos foram cometidos pelos sujeitos que se consideram em nível intermediário e avançado nos estudos dessa língua. Segundo Shopen (1985), em muitas línguas, os pronomes apresentam ordem das palavras distintas das frases nominais, devido a diferença nas regras sintáticas ou na distribuição determinada por fatores pragmáticos.

Na segunda questão, avaliamos as possíveis interferências nas pronúncias das palavras. As palavras com o /θ/ como em *think, thought, thank, throw* e *thrust*, que apresentam o “th”, eram produzidas de forma alveolar surda /t/ ou fricativa surda /f/. Acreditamos que isso aconteça pois não há palavras com esse fonema nas línguas guineenses. As palavras *tank* e *tack* não foram pronunciadas de forma plosiva por 10 sujeitos como esperado em Língua Inglesa. Acreditamos

isso aconteça, pois os sujeitos não apresentam fonemas alveolares explosivos em suas línguas maternas. Na pronúncia da palavra *feel*, os sujeitos não pronunciaram a vogal longa /i:/ e sim a vogal curta /i/. Acreditamos que isso tenha sido realizado, pois a vogal antecedia um fonema que pode ser alongado. Fazendo assim que a vogal fique encurtada. 12 pessoas cometeram o desvio na pronúncia da palavra *three* tornando-a oclusiva como nas palavras da coluna 01. Mas o fato dessa palavra antecipar a palavra *tree*, acreditamos que isso fez com que 6 sujeitos pronunciaram /tr/ na palavra, mostrando uma supercorreção na pronúncia. Já na pronúncia da palavra *free* e *frog*, 5 sujeitos realizaram a pronúncia do /r/ vibrante no lugar do retroflexo, que é comum nas línguas guineenses. Assim como o /r/ em *car*, que foi pronunciado vibrante por 6 sujeitos. As palavras *them*, *that* e *these* foram produzidas com o fonema alveolar sonoro /d/ por 05 sujeitos. Mas 8 pessoas utilizaram o fonema alveolar sonoro /d/ na pronúncia da palavra *the*. Acreditamos que isso aconteça por uma aproximação da pronúncia com os fonemas mais populares nas línguas guineenses.

As demais palavras não apresentam desvios relevantes. Houve algumas produções equivocadas, mas parecem demonstrar mais um desconhecimento das palavras ou das pronúncias do que uma interferência da língua Materna.

Na questão 3, esperávamos a associação de palavras cognatas, fazendo a relação equivocada das palavras. Porém os sujeitos investigados não fizeram nenhuma associação equivocada, por isso, acreditamos que não haja a interferência semântica entre palavras da língua inglesa e guineense.

De modo geral, observamos nas 3 questões os diferentes aspectos da influência da língua materna (L1) na aquisição da língua inglesa pelos sujeitos que participaram da pesquisa. Na tradução das sentenças, embora muitos sujeitos não têm dificuldade na conjugação do verbo *to be*, mas houve dificuldade na construção de frases, principalmente na omissão do complemento e no caso genitivo, no qual, percebemos a interferência da língua materna (L1). Quanto à pronúncia, verificamos uma substituição dos fonemas inexistentes de língua guineense (kriol), como /θ/ por /t/ e /f/, algumas palavras não foram pronunciadas de forma plosiva como esperado em língua inglesa, os sujeitos pronunciaram a vogal longa por curta, desviaram de pronúncia da palavra tornando-a oclusiva e realizaram a pronúncia do /r/ vibrante no lugar do retroflexo. Em relação associação semântica de palavras cognatas, não identificamos equívocos, que indica a não interferência semântica entre as palavras da língua inglesa e guineense. Entretanto, a interferência da língua materna (L1) apresenta impactar mais na construção sintática e fonológica do que a semântica, e que os equívocos foram cometidos mais pelos sujeitos que se consideram em nível intermediário e avançados nos estudos da língua inglesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As referências linguísticas transversais demonstram fundamentais para compreender como os diferentes sistemas linguísticos cognitivos e culturais se relacionam na aquisição de uma nova língua. Observa-se que os elementos estruturais da língua materna (L1) podem manifestar-se no uso da segunda língua (L2), resultando na interferência e desvios linguísticos que afetam os aspectos sintáticos, fonéticos e semânticos. Assim, ao reconhecer a importância desse fenômeno, evidencia-se a relevância de estudá-lo no âmbito da linguística aplicada, pois permite entender de forma mais ampla como a língua materna (L1) dos aprendizes impacta o desenvolvimento da fluência e da competência comunicativa nos contextos multilíngues. A nossa pesquisa visou evidenciar essas influências das referências linguísticas transversais pelos estudantes guineenses na Unilab, identificando tanto os marcadores sintáticos, fonéticos quanto os marcadores semânticos da língua guineense (kriol) na aquisição de língua inglesa. Os sujeitos da pesquisa foram investigados quanto aos aspectos sintáticos, fonológicos e semânticos, e observamos que a interferência ocorreu mais nos níveis sintáticos e fonéticos em comparação ao nível semântico no processo de aprendizagem de língua inglesa.

Participaram poucos sujeitos na pesquisa, e pouco tempo para investigação da mesma, em futuras pesquisas, poderemos investigar com mais detalhamento e aprofundamento os elementos para a tradução, da fonética e da semântica, bem como fazer mais perguntas relevantes que estão relacionadas à pesquisa sobretudo as questões culturais que pode levar mais no aspecto semântico que não identificamos.

Esta pesquisa, ao ser analisada na aquisição de língua inglesa, precisa também ser relacionada com o desenvolvimento de material didático, ensino e formação de professores. No contexto de desenvolvimento de material didático, este trabalho demonstra-se relevante ao entender o peso dessas referências linguísticas transversais no processo de aprendizagem de língua inglesa, sobretudo no contexto guineense, no qual há poucos dados levantados. Essa análise contribui nos ajustes de materiais didáticos principalmente nos aspectos de pronúncia, tradução, metodologias de ensino e análises de erros. Já no âmbito de ensino, esta pesquisa proporciona um apoio pedagógico ao permitir que a interferência da língua materna (L1) na aquisição de uma nova língua é um algo natural e inevitável, e que atinge até aos níveis avançados. Quanto à formação de professores, o estudo contribui para uma compreensão mais ampla sobre as dinâmicas do multilinguismo/plurilinguismo, além de facilitar os docentes no contexto teórico e prático que lidam com aprendizes da segunda língua/língua adicional. Portanto esta pesquisa além de demonstrar uma visão sobre os desafios e potencialidades

enfrentadas pelos alunos na aquisição de língua inglesa, mas também valorizar o repertório linguístico para o aprendizado eficaz e práticas pedagógicas mais inclusivas.

REFERÊNCIAS

CÁ, I. N.; RUBIO, C. F. O perfil dos estudantes e a realidade do ensino de língua portuguesa em Guiné-Bissau. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 58, n. 1, p. 389-421, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/PygbnYmdMsqR8Mj66mhw5Lr/>. Acesso em: 3 nov. 2025.

CALLEGARI, M. O. V. Reflexões sobre o modelo de aquisição de segundas línguas de stephen krashen: uma ponte entre a teoria e a prática em sala de aula. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, SciELO Brasil, v. 45, p. 87–101, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/mBD6J5GrBkkGFCvJjCyynHz/?lang=pt>. Acesso em: 3 nov. 2025.

CORDER, S. P. **Error analysis and interlanguage**. London: Oxford university press, 1982. v. 198. Disponível em: <https://x.gd/qIEBU>. Acesso em: 3 nov. 2025.

COUTO, H. D.; EMBALÓ, F. Literatura, língua e cultura na guine-bissau. Um país da CPLP. **Papia-Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares**, v. 20, 2010. Disponível em: <https://x.gd/naf7x>. Acesso em: 3 nov. 2025.

EMBALÓ, F. O crioulo da guiné-bissau: língua nacional e factor de identidade nacional. **PAPIA-Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico**, v. 18, n. 1, p. 101–107, 2009. Disponível em: <https://x.gd/nSHLJ>. Acesso em: 3 nov. 2025.

HAKUTA, K.; CANCINO, H. Trends in second-language-acquisition research. **Harvard educational review**, Harvard Education Publishing Group, v. 47, n. 3, p. 294–316, 1977. Disponível em: <https://x.gd/7soFW>. Acesso em: 3 nov. 2025.

JARVIS, S.; PAVLENKO, A. **Crosslinguistic influence in language and cognition**. Routledge, 2008. Disponível em: <https://x.gd/dAgJb>. Acesso em: 3 nov. 2025.

KRASHEN, S. Principles and practice in second language acquisition. Pergamon, 1982. Disponível em: <https://x.gd/XS7uK>. Acesso em: 3 nov. 2025.

KRASHEN, S. Second language acquisition. **Second Language Learning**, v. 3, n. 7, p. 19–39, 1981. Disponível em: <https://x.gd/1qbPo>. Acesso em: 3 nov. 2025.

ODLIN, T. Cross-linguistic influence. **The handbook of second language acquisition**, Wiley Online Library, p. 436–486, 2003. Disponível em: <https://x.gd/8rahX>. Acesso em: 3 nov. 2025.

ORTEGA, L. Second language acquisition. **The Routledge handbook of applied linguistics**, Routledge, p. 171–184, 2011. Disponível em: <https://x.gd/5bRPx>. Acesso em: 3 nov. 2025.

SHOPEN, Timothy (Ed.). **Language Typology and Syntactic Description: Volume 3**. Cambridge University Press, 1985. Disponível em: <https://x.gd/822Ez>. Acesso em: 3 nov. 2025.

VIHMAN, M. M.; MCLAUGHLIN, B. Bilingualism and second language acquisition in preschool children. In: **Verbal processes in children: Progress in cognitive development research**. [S.l.]: Springer, 1982. p. 35–58. Disponível em: <https://x.gd/nu7QZ>. Acesso em: 3 nov. 2025.

WHITE, L. Second language acquisition and universal grammar. **Studies in second language acquisition**, Cambridge University Press, v. 12, n. 2, p. 121–133, 1990. Disponível em: <https://x.gd/IaNCr>. Acesso em: nov. 2025.

Anexo 1- Formulário de Questões

Pesquisa de TCC
Mamadu Alfa Djaló

Nome: _____

1) Traduza o texto

Eu tenho 20 anos. Eu não tenho um carro, mas adoraria ter.

Eu ando bastante, mas eu não gosto.

Eu sou saudável, mas estou gripado.

O Caderno da filha da professora de inglês está sobre a mesa da sala dos professores.

2) Pronuncie as palavras

1	2	3	4
Think	Three	Them	Will
Thought	Tree	That	Fill
Tank	Free	Dad	Feel
Tack	Frog	Doing	Now
Thank	Throw	These	Kill
Feel	Thrust	The	Cow

3) Associe as palavras que tem o mesmo sentido.

Kiss	Benção
What	Carro
Car	Que
	Beijar
	Reduzir
	Virar-se